

## **CALVINISMO E EVANGELHO SOCIAL NA CAPITAL BRASILEIRA DO CARVÃO 1942-1961**

ANDRÉ AUGUSTO BOUSFIELD<sup>1</sup>

### **INTRODUÇÃO**

Quando se lança um olhar histórico para a Europa no século XVI, é impossível não perceber que tal época promoveu um conjunto de mudanças culturais na humanidade. Tais aspectos culturais são delineados tradicionalmente como fundamentos do Período Moderno. O Renascimento, que já vinha num processo de estruturação cultural desde o século XIV, o Humanismo, e a Reforma Protestante são aspectos culturais que podem ser pontuados. No entanto, convém frisar que a pontuação que aqui se faz está no âmbito cultural, mas entende-se que outros aspectos, como sociais, políticos e econômicos devem ser sempre considerados e analisados quando se faz um recorte histórico do Período Moderno ou qualquer outro período.

A Reforma Protestante, como coloca o historiador Martin Dreher deve ser considerada como um movimento revolucionário que foi influenciado, principalmente pelo o Humanismo, Renascença e por toda a conjuntura do século XVI. Mas, também foi um movimento que influenciou em muitos âmbitos a sociedade mundial, desde o século XVI até o século XXI (DREHER, 1996: 11).

Nesse sentido, este trabalho trata de um processo histórico minúsculo perto do universo que é a Reforma Protestante e as suas influencias, bem como a Modernidade. O dito processo, que é objeto de pesquisa desde o trabalho monográfico para a Bacharelado

---

<sup>1</sup> O autor é Doutorando em Teologia e História pela Faculdades EST de São Leopoldo (RS) sendo bolsista da CAPES; possui Mestrado em Educação pelo Programa de Pós graduação da UNESC (2009); graduação em História (Licenciatura e Bacharelado) pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (2006); é Bacharel em Teologia pela Faculdade Luterana de Teologia (2012); possui curso livre de Teologia pelo Seminário Presbiteriano do Sul (2002).

em História, como até agora no Doutorado em Teologia e História, é o movimento calvinista, de cunho presbiteriano que se instalou em Criciúma, Santa Catarina, na década de 40, no século XX, e se consolida em 1961.

A Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB) defini-se como resultado, como fruto da Reforma Protestante do século XVI, dentro do ramo calvinista. Esse dito calvinismo chegou em Criciúma. Mas de que modo? Que tipo de Calvinismo chegou em Criciúma?

Segundo Jean-Pierre Bastian, historiador do protestantismo na América Latina:

o historiador deve perguntar-se se o estudo das minorias religiosas protestantes não é (...) de importância capital para compreender as tensões existentes entre as mentalidades e as condutas herdadas, por um lado, e as modernidades políticas e econômicas, por outro, que acabaram impondo-se sem que uma reforma religiosa acompanhasse essas transformações (BASTIAN, 1994: 10).

Deste modo, ponderamos que, é de sua importância desafiar-se a estudar minorias protestantes e suas relações com os seus contextos, como a comunidade calvinista-presbiteriana de Criciúma que foi formada por um processo, que a gerou e de certo modo a mantém viva. E esse interesse revela que, não há intenção subjetiva em se enveredar por um ufanismo genealógico.

## **1. O itinerário do Calvinismo pela Europa e América.**

A Igreja Presbiteriana do Brasil é herdeira da Reforma Religiosa do século XVI, do chamado ramo Calvinista na Europa. Porém, a chegada do primeiro missionário presbiteriano se deu apenas no século XIX em agosto de 1859. Tal missionário foi o estado unidense e jovem pastor Ashebel Green Simonton. Como afirma o pesquisador Silas Luiz, em sua dissertação de mestrado, por esses simples dados percebe-se que a relação da Igreja Presbiteriana do Brasil com a Reforma Protestante e o Calvinismo do século XVI é indireta (SOUZA, 1998: 24). O movimento reformado desenvolveu-se pela Europa, destacando-se o

alemão Martin Lutero (1483-1546), e tantos outros. Além da Alemanha, o movimento espalhou-se por todo o continente e Grã-Bretanha, “contando com focos reformadores nem sempre ligados entre si, e às vezes, com algumas diferenças importantes” (SOUZA, 1998: 24).

Outro reformador de destaque deste século XVI foi João Calvino (1509-1564), um francês que foi líder do movimento Reformado a partir de Genebra, na Suíça. Calvino sistematizou os seus estudos teológicos, e os aplicou na vida prática da cidade de Genebra. Dentro dessa idéia, Calvino fundou a Academia de Genebra que além de educar os genebrinos, tinha como interesse formar pastores com conhecimento bíblico-teológico e assim influenciar outras regiões distantes da Europa e outros lugares, como o Brasil, recém encontrado pelos portugueses.

Foi a partir de então, que a primeira tentativa de manifestação de uma colonização calvinista no Brasil deu-se em 1555, com a chegada da expedição de *Nicolas Durand de Villegaignon* no Rio de Janeiro, que tinha o intuito de fundar a França Antártica e criar um lugar onde os huguenotes pudessem livremente praticar o culto calvinista. Era um período de disputas coloniais e religiosas intensas, devido ao fervor da Reforma e da Contra-reforma católica e da recém 'descoberta do Novo Mundo'. Calvino se interessou pela Empresa de *Villegaignon* e mandou pastores, que acabaram sendo presos e alguns mortos, pelo próprio *Villegaignon*.<sup>2</sup> Com a expulsão dos franceses e a destruição da colônia da Guanabara, acabava-se a primeira tentativa calvinista de se instalar no Brasil (MENDONÇA, 1995: 24-25).

A segunda versão Calvinista de colonização que chega no Brasil, se dá com os holandeses, que se instalaram no nordeste brasileiro, sobre tudo em Pernambuco (1630-1645). Nesse período foi implantada de modo completo, uma organização eclesiástica

---

<sup>2</sup> Para uma melhor compreensão desse episódio no Brasil, sugere-se a leitura de: DE LERY, Jean. **Viagem à terra do Brasil**. Tradução de Sérgio Milliet, Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1980.

calvinista (MENDONÇA, 1995: 25). Mas, tal organização foi encerrada quando os holandeses foram expulsos do Brasil, pelos portugueses.

João Calvino foi o reformador que mais conseguiu difundir o movimento da Reforma, com escritos, viagens, correspondência e etc. Na Grã Bretanha, sobre tudo a Escócia, as idéias de Calvino chegaram formando assim, devido à contrariedade com o episcopalismo da coroa Inglesa que decidia quem eram os líderes locais da Igreja Anglicana, o Presbiterianismo, fundado pelo escocês John Knox (1514-1572), e que tinha como base, as idéias de Calvino e a defesa da escolha local dos líderes eclesiásticos (presbíteros), pelas próprias comunidades (LUZ, Jonh Knox: 67-71).

Já nos séculos XVII e XVIII, muitos britânicos calvinistas migraram para as Colônias Inglesas no Norte da América. Dentre esses se destacam os Puritanos, que eram calvinistas, mas não adotavam as formas de governo calvinista. Ainda nessa leva, vieram para essas Colônias, colonos escoceses e colonos do norte da Irlanda sendo em sua grande maioria presbiterianos. Em 1706, nos Estados Unidos é institucionalizada a Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos. É essa Igreja que em 1859, pela sua junta de Missões Estrangeiras, manda o pastor Ashebel Green Simonton ao Rio de Janeiro, e é este o considerado fundador da Igreja Presbiteriana do Brasil (MENDONÇA, 1995: 48-57), pois é com ele que essa instituição fica no Brasil definitivamente.

## **2. Calvinismo e convercionismo.**

O trabalho presbiteriano no Brasil veio então a se consolidar no Brasil por iniciativa estrangeira. A presente pesquisa não visa ampliar as intenções específicas da chegada desse Presbiterianismo no Brasil, mas entende que houve certamente como base intencional, aquilo que as religiões cristãs desde Antiguidade fazem, o convercionismo. À medida que a

igreja presbiteriana se enraizava no Brasil, mais e mais o trabalho de evangelização era feito. No primeiro momento com a parceria de Igrejas estado-unidenses, o trabalho e difusão da fé cristã-calvinista crescia cada vez mais por todo Brasil, como no Sul. No Sul, foi iniciada a obra presbiteriana em Santa Catarina, inicialmente em São Francisco do Sul e Florianópolis, as primeiras comunidades organizadas nesse Estado. E assim isso foi se fazendo pelo Brasil afora (FERREIRA, 1992: 74-75).

Desse modo, entende-se que circunstancialmente a inserção do calvinismo no Brasil a partir de 1859 e por um processo gerou a Igreja Presbiteriana do Brasil, se deu por trabalho missionário e não por um protestantismo de imigração. Como afirma Antônio Gouvêa Mendonça, a mensagem convercionista, baseava-se além da fé cristã, em um convite para a negação de princípios católicos da Contra-Reforma, que ao longo do tempo no Brasil, foi se fundindo com as festas populares (MENDONÇA, 1995: 92).

### 3. Calvinismo em *Cresciúma* (Criciúma) - 1942

Segundo um breve ‘escorço’ histórico que foi escrito à mão pelo Rev. Floyd Sovereign em 1951, o trabalho Calvinista em Criciúma foi iniciado em 1942, pela Igreja Presbiteriana do Brasil. Escreve o referido pastor em Ata:

Em o ano de mil novecentos e quarenta e dois, um grupo de pessoas interessadas no Evangelho e mais o senhor Adalberto Bráglia e sua senhora Dona Frida Bráglia, e o senhor Aurélio Teixeira e sua senhora Dona Elisa Teixeira, membros já filiados a Igreja, se decidiram a iniciar um trabalho evangélico, nos moldes da Igreja Presbiteriana do Brasil, então denominada Igreja Cristã Presbiteriana (Sovereign, 1942-1953).<sup>3</sup>

<sup>3</sup> Livro de Atas da Congregação Presbiteriana de Criciúma (1942-1953). Na referida Ata, há uma nota que afirma que o citado Aurélio Teixeira era Metodista.

Já no início desse relato, percebe-se que o Calvinismo de cunho presbiteriano chegou em Criciúma não por um projeto missionário da citada Igreja Cristã Presbiteriana, mas por pessoas que aqui residiam, como o senhor Adalberto Bráglia. Além disso, o Rev. Floyd (1942-1954) continua:

A maior parte dos elementos interessados nessa iniciativa freqüentavam as reuniões da Igreja Lutherana (...). Dessa reunião da qual foram cantados os hinos de número quinhentos e trinta, e trezentos e sessenta e cinco, foi lavrado pelo Senhor Adalberto Bráglia um registro no teor seguinte: “*O primeiro culto realizou-se às dezenove horas do dia dez de maio, no salão cedido pelo crente não professo Atílio Bristot, dirigido pelo irmão Aurélio Teixeira. Compareceram à reunião os irmãos Adalberto Bráglia, Aurélio Teixeira, Elisa Teixeira, Frida Bráglia, Marta (...) Westphal, Paula Simon, João Simon, Atílio Bristot, Lili Bristot, os menores Vanio Simon, Zilda, Jéssie e Valda Bráglia e cujas outras duas ou três pessoas cujos nomes não nos recordamos. Cresciúma, dezessete de maio de mil novecentos e quarenta e dois (assinado: Adalberto Bráglia)*”. (...).

Ainda observando o conteúdo desta Ata, percebe-se que há um certo contato interdenominacional entre evangélicos de Confissão Luterana e Metodista com o casal presbiteriano Adalberto Bráglia e Frida Bráglia. O que releva que o Calvinismo em questão na cidade de Criciúma amparou-se com outros seguimentos Evangélicos, mas também de cunho protestante, representados por esses indivíduos citados na referida Ata.

Além desses, o processo de convercionismo também está presente nessa chegada do Calvinismo em Criciúma, e isso aparece quando é citado o dono do salão cedido para a primeira reunião, o *crente não professo*, Atílio Bristot e sua esposa Lili Bristot.

Esse período inicial do calvinismo chegou a Criciúma no final da primeira metade do século XX, coincide com o desenvolvimento de todo um processo impulsionado pela exploração do carvão mineral, rico na região de Criciúma, conhecida como Bacia Carbonífera do Extremo sul catarinense. Esse processo, gerou uma novidade inusitada se tratando de calvinismo no Brasil. A chegada de um missionário presbiteriano, estadunidense da década de sessenta, e que tinha como objetivo levar a mensagem evangélica ao

mundo do operariado mineiro, de um modo teologicamente diferenciado do calvinismo até então chegado em Criciúma e no próprio Brasil.

#### 4. Calvinismo, Evangelho Social e Carvão

A história da região Carbonífera do sul de Santa Catarina, está ligada aos efeitos da indústria do carvão mineral naquele ambiente. Tal atividade foi muito abrangente nas décadas de cinquenta e sessenta. Legou a Criciúma o apelido de 'Capital Brasileira do Carvão'. Como Teresinha Volpato pontua, a indústria do carvão veio a ter um grande impulso na década de cinquenta e sessenta do século XX em Criciúma. Apresenta a autora que:

Muitas minas de carvão foram abertas em toda a área carbonífera. Por volta de 1950-1960, mais de duas dezenas de firmas exploravam o carvão, sem contar as dezenas de pequenas empreiteiras que operavam em concessões de firmas reconhecidas pela União (VOLPATO, 1984: 32).

Para aquela autora a 2ª Guerra Mundial contribuiu para a produção de carvão, porém apenas em 1945, devido à instalação em Volta Redonda (RJ) da Cia. Siderúrgica Nacional (CSN), há um aumento expressivo da produção (VOLPATO, 1984: 33). A exploração do carvão em larga escala em Criciúma dá-se a partir da segunda metade do século XX.

A obra *Memória e cultura do carvão em SC*, coloca que a região carbonífera passou por profundas transformações. O texto afirma que:

Ao mesmo tempo em que se exalta ufanisticamente o ideal de um progresso industrial movido a carvão, também se vivenciam os dilemas de mudanças sociais marcadas pelo sofrimento daqueles que tiveram que arcar com o custo das transformações industriais. Assim, pode-se dizer que a região carbonífera de

Santa Catarina experimentou de forma intensa as contradições da sociedade industrial (FILHO, 2004: 5).

Esse fenômeno gerou processos de mudança, bem como consolidações sociais na bacia carbonífera, sobretudo na Criciúma da década de cinquenta e sessenta. Nesse ínterim, a Congregação Presbiteriana de Criciúma, contemporânea desse processo, recebe um elemento novo.

Trata-se da chegada do missionário e pastor presbiteriano, bem como sociólogo, o Rev. Dr. Richard Charles Smith. O pastor Smith certamente estava consciente dessa realidade industrial, exatamente pelo fato de ele ter sido um clérigo protestante especializado em atuar em regiões que são transformadas pela industrialização devido ao carvão. Escreveu artigos e livros sobre essas realidades. O discurso de Richard Charles Smith pode ser resumido e ponderado a partir de certas colocações como:

No artigo intitulado A EVANGELIZAÇÃO INDUSTRIAL, O Rev. Dr. Richard C. Smith, procura provar que a Igreja tem necessidade de uma teologia de evangelização que tenha como princípio organizador o conceito de SOLIDARIEDADE FIEL e que, sendo universal em sua amplitude, tenha aplicação pertinente ao problema da evangelização do operário. O autor afirma, também, que a Igreja deve ter genuína COMUNICAÇÃO com os que vivem fora dela e sugere alguns métodos para alcançar o operário. O Rev. Dr. Smith foi pastor assistente da Igreja Jardim das Oliveiras, em São Paulo, com responsabilidade particular pelo setor da evangelização industrial. Entre 1961-1963, trabalhou na região carbonífera, ao redor de Criciúma, Santa Catarina, onde foi organizada uma Igreja. É autor de vários livros e artigos sobre evangelização industrial e ensinou no Seminário Teológico Presbiteriano de San Anselmo, Califórnia, durante os anos de 1952-1959. Recebeu seu doutorado em Teologia da Universidade de Genebra, Suíça, depois de haver concluído estudos no Seminário Teológico de Princeton, N. J. (REVISTA TEOLÓGICA, 1964: 16).

Nesta apresentação do artigo de Richard C. Smith editado pela Revista Teológica do então Seminário Presbiteriano Teológico de Campinas (SP), *A evangelização industrial*, é perceptível a relação desse missionário com a ideia de se evangelizar em contextos industriais. Era essa sua especialidade, sua formação.

Ideologicamente é possível perceber, pelo acesso aos escritos de Richard Smith, que seu interesse missionário e evangelizador pelos operários não se resumia a um olhar meramente proselitista. É perceptível um olhar social, de intervenção explicitamente social nos seus discursos missionários. Segundo o pastor Floyd Eugene Grady, pastor estado-unidense e que teve contato com Richard Smith no Brasil e antes nos EUA:

Não dizíamos se éramos de corrente teológica A ou B. Discutíamos e ponderávamos sobre os trabalhos em questão. Recordo-me de ter perguntado ao Richard em um encontro com ele na América do Norte, se ele realmente achava que era possível fazer esse tipo de trabalho evangelizador no Brasil, como do tipo pregar o evangelho e organizar sindicatos [...].<sup>4</sup>

Pela fala do Rev. Floyd E. Grady fica evidenciado que nesse período o olhar de quem vivenciava esses trabalhos missionários não era apenas ideológico ou teológico. Era basicamente relacionado à praticidade. Contudo, é possível perceber que Richard Smith encabeçava ideais teológicos específicos, principalmente quando é feita uma leitura dos textos de autoria dele mesmo a que se teve acesso e um comparativo do trabalho missionário que ele efetuou na bacia carbonífera. Alguns textos destaque neste, como: um artigo intitulado *A Evangelização Industrial: a teologia da evangelização, a comunicação com o operário* (REVISTA TEOLÓGICA, 1964, p. 91-113), um livro cujo título é *Human crisis in the Kingdom of coal*<sup>5</sup> (A crise humana no reino do carvão)<sup>6</sup>, e um texto veiculado na Internet, sendo o título *We've Got A Jukebox, And We Ain't Ashamed To Say So: our jukebox and pool table puts us one up on the nearest beer hall*<sup>7</sup> (Nós temos uma jukebox, e

---

<sup>4</sup> Floyd Eugene Grady, 90 anos. Estado-unidense, pastor presbiteriano e missionário, trabalhou mais de quarenta anos no Brasil.

<sup>5</sup> SMITH, Richard Charles. *Human crisis in the Kingdom of coal*. New York: Friendship Press, 1952. Alguns exemplares dessa obra foram presenteados pelo próprio Rev. Smith, quando estava em Criciúma a: Aderbal Maier, Thomaz Reis Mello, Carlos W. Bristot e possivelmente a outras pessoas.

<sup>6</sup> Tradução minha.

<sup>7</sup> Fonte: [www.the-shack.org/history/hist\\_shack/shack8/shack8.htm](http://www.the-shack.org/history/hist_shack/shack8/shack8.htm)

não ficamos envergonhados de dizer assim: nossa *jukebox* e a mesa de piscina nos põe um andar acima mais perto do corredor da cerveja).<sup>8</sup>

Richard Smith não era um teólogo vinculado a Teologia da Libertação, visto o que é tratado em cada um desses seus textos aqui mencionados.<sup>9</sup> E além disso, a Teologia da Libertação, enquanto movimento organizado, também no âmbito do Protestantismo brasileiro, se configura posteriormente em relação passagem de Richard C. Smith no Brasil e de seu próprio trabalho em West Virgínia na cidade de Morgantown na década de cinquenta. Tal trabalho nos EUA foi bem divulgado em sua época, a ponto inclusive de ser publicado um artigo na revista TIME de junho de 1946 falando sobre seu trabalho entre os operários mineiros de Morgantown.

No artigo, *A Evangelização Industrial*, Smith trabalha com temas relacionados à cristianização protestante de operários em indústrias. Seu olhar é lançado em direção à evangelização do operário, mas também em direção aos problemas sociais pertinentes àqueles. Smith afirma a necessidade de se *alcançar* o operário, para Cristo. Ele escreve:

É este trabalhador, o qual muitas vezes tem sido separado e afastado da Igreja e do seu Cabeça, Jesus Cristo, que nós precisamos alcançar. É ele, que vai entender melhor o Evangelho nos termos da **solidariedade fiel** de Deus em Jesus Cristo. Essa palavra **solidariedade**, está no vocabulário, no pensamento comum do operário, especialmente na tradição sindical-industrial, no mundo inteiro. Então solidariedade é um conceito pertinente ao ponto de vista da experiência prática do operário, do ponto de vista da sua cultura (REVISTA TEOLÓGICA, 1964: 92).

Na visão de Richard Smith, o operário industrial é detentor de uma cultura social. Cabe à igreja evangelizar o operário do ponto de vista da cultura dele mesmo. O modo de evangelização que ele propõe é o da solidariedade fiel:

---

<sup>8</sup> Tradução minha. *Jukebox*, é um toca-discos automáticos muito antigo e comum nos EUA, principalmente em bares. Era acessado comumente com fichas, similares a fichas de bilhar.

<sup>9</sup> Para uma melhor compreensão sobre Teologia da Libertação, ler: ALVES, Rubem (org.). *De dentro do furacão: Richard Shaull e os primórdios da Teologia da Libertação*. São Paulo: Ed. Sagarana; CEDI (Centro Ecumênico de Documentação e Informação); CLAI; Progr. Ec. De Pós-Grad. Em Ciências da Religião, 1985. (Coleção Protestantismo e Libertação).

A **solidariedade** implica em camaradagem ou em unidade no sentido de colocar-se ou estar de pé ao lado. A **solidariedade fiel** significa que as limitações da camaradagem e unidade são compreendidas claramente, isto é, Deus não é homem e, por outro lado, homem não é Deus: igreja não é mundo e mundo não é igreja (REVISTA TEOLÓGICA, 1964: 95).

Na primeira oração da citação acima, Richard Charles Smith comenta em nota de roda pé:

O escritor inglês, Trench, diz que esta palavra, solidariedade, originou-se com os comunistas franceses e tem o sentido de 'camaradagem no bom êxito e no fracasso; na honra e na desonra; na vitória e na derrota, e o sentido, de estar todos no mesmo barco'. Mas esta palavra pertence também ao vocabulário do operário não-marxista e está usada nos jornais da Organização Regional Interamericana de trabalhadores (ORIT). Mais recentemente, a igreja cristã também tem dignificado esta palavra [...] (REVISTA TEOLÓGICA, 1964, p. 95).

Na passagem do Rev. Smith por Criciúma, a Igreja Presbiteriana de Criciúma se expandiu consideravelmente. Alguns exemplos são pontuados no livro de Atas do Conselho administrativo da IPB de Criciúma, quando o Rev. Smith presidia as reuniões. Dentre os trabalhos registrados nas Atas, uma das reuniões foi realizada em Laguna,<sup>10</sup> cidade ao norte de Criciúma, numa distância de 100 quilômetros.

Isso também é comprovado por cultos celebrados a céu aberto, em bairros, como a Próspera e Pinheirinho, segundo testemunho de Carlos W. Bristot.<sup>11</sup> No relatório da IPB de Criciúma tal informação é mencionada, onde se lê que "com a cooperação dos crentes vem a Igreja mantendo trabalhos de evangelização semanais nas vilas e bairros da Próspera, Operária Nova, Pinheirinho e Cidade Mineira, sendo esses três últimos lugares promissores ao Evangelho, com boa frequência".<sup>12</sup>

<sup>10</sup> BRÁGLIA, Adalberto (secretário do conselho), *op. cit.* Ata nº 8, p. 11.

<sup>11</sup> Carlos Westphal Bristot, entrevista citada.

<sup>12</sup> RELATÓRIO. Relatório da Igreja Presbiteriana de Criciúma enviado ao Presbitério de Florianópolis, 1962.

Outro trabalho de expansão missionária, testemunhada pelas fontes consultadas foi o que se deu no bairro Operária Nova. Esse bairro, como muitos outros de Criciúma, era próximo de regiões de mineração:

De um modo geral, o nome da vila tinha a relação de identidade ou com a companhia carbonífera, ou com a classe operária ou com o processo de mineração. [...]. O mesmo ocorreu em relação aos times de futebol, cujos nomes estavam associados nesta mesma lógica (BOUSFIELD, CAROLA, 2005: 49).

Até o momento, sobre o trabalho missionário no bairro Operária Nova, não foi possível traçar de modo detalhado a prática missionária. No entanto, a fonte consultada testemunha não só um trabalho, mas uma estrutura material, dando referência a uma capela construída com ajuda financeira de uma Igreja de *Washington DC*.<sup>13</sup> Não só pela capela,<sup>14</sup> mas também pela verba ofertada por presbiterianos de *Washington DC*, é possível perceber que Richard C. Smith não foi apenas para pastorear uma igreja local. Seu objetivo era converter operários mineiros numa cidade que se industrializava. Sua prática e teologia encontra fortes similaridades ao Evangelho Social.

Quando fala-se sobre Evangelho Social, é possível falar de um movimento eclesial surgido no final do século XIX e início do XX. Rubem Alves em *Religião e repressão* afirma que o nome desse movimento já indica "o seu programa hermenêutico" (ALVES, 2005: 316). Escreve Rubem Alves:

Os títulos de duas obras de seu principal líder, Walter Rauschenbush, são muito reveladores: *Os princípios sociais de Jesus* (1916) e *Cristianizando a ordem social* (1914). Vejam alguns dos assuntos tratados nessas duas obras: "As convicções sociais axiomáticas de Jesus", "O valor da vida", "A **solidariedade** da família humana", "O ideal social de Jesus", "A ordem social justa é o bem supremo para todos", "A ordem social justa é a tarefa suprema para cada um", "Propriedade privada e o bem comum", "A cruz como um princípio social", "Uma religião para a redenção social", "**O Reino** do intermediário", "Sob a lei do lucro", "O caso do cristianismo contra o capitalismo", "Democracia econômica" (ALVES, 2005: 316-317).

<sup>13</sup> BRÁGLIA, Adalberto (secretário do conselho), *op. cit.* Ata nº 12, p. 13.

<sup>14</sup> RELATÓRIO. Relatório da Igreja Presbiteriana de Criciúma enviado ao Presbitério de Florianópolis, 1962.

Rubem Alves abordando aquele tema, afirma que os protestantes tradicionais e ortodoxos horrorizaram-se com tal interpretação do Evangelho. Isso se torna obvio, pois para esses ortodoxos, o que interessava era uma mensagem para a salvação da alma. O Evangelho Social pregava um Reino de Deus, que era uma utopia sociopolítica que deveria realizar-se num futuro histórico. O protestantismo tradicional via a realidade como uma estrutura fixa, desde a eternidade. Já o protestantismo do Evangelho Social entendia que a mensagem bíblica exigia uma radical transformação das estruturas da sociedade, para que essa sociedade culminasse numa ordem justa e fraterna (ALVES, 2005: 317).

Rauschenbush foi um pastor batista estado-unidense do início do século XX que trabalhou entre imigrantes alemães na cidade de Nova York, tendo contato com as condições sociais dos imigrantes, dos trabalhadores explorados pelas indústrias e com a ineficiência do governo (SOUZA, 1998: 103). Isso o levou a reconsiderar a teologia, estudando a Bíblia juntamente com a pesquisa de sociologia. Parece que essa visão panorâmica sobre o pensamento teológico de Walter Rauschenbush é muito semelhante ao pensamento exposto de Richard C. Smith, que além de pastor, também possuía doutorado em Sociologia.<sup>15</sup> Silas Luiz confirma, embora não exemplifique, que missionários norte-americanos, alguns representantes do Evangelho Social, trabalhavam junto à Igreja Presbiteriana do Brasil (SOUZA, 1998: 103).

Para Rubem Alves, o Evangelho Social nunca chegou ao Brasil, chegaram apenas *reverberações* (ALVES, 2005, p. 317). O autor afirma que, embora o protestantismo brasileiro tenha tido uma experiência não direta com o Evangelho Social, o Protestantismo brasileiro guardou esse nome *Evangelho Social*, como símbolo daquilo que se opõe à fé. E ele ainda continua, dizendo que o ranço contra os brasileiros protestantes que buscavam uma responsabilidade social dentro da Igreja, como os representantes da Teologia da

---

<sup>15</sup> BRÁGLIA, Adalberto (secretário do conselho), *op. cit.* Ata nº 12. p. 14.

Libertação via protestantismo, nasce pela repulsa ao pensamento do *Evangelho Social* por parte do pensamento protestante ortodoxo brasileiro, que apenas reproduz copiosamente o pensamento ortodoxo do protestantismo estado-unidense.

Parece que o Evangelho Social reverberou em Criciúma na década de sessenta usando como base o Calvinismo nos moldes presbiterianos outrora presente devido a migração e um trabalho de manutenção desde 1942. Uma fonte da época, *o Tribuna Criciumense*, parece ter apresentado tal movimentação na Igreja Presbiteriana de Criciúma à sociedade cricumense, algo até certo modo inusitado, visto se tratar de uma igreja evangélica em relação aos seus próprios assuntos na década de sessenta. Diz a nota:

A Congregação Presbiterial de Criciúma, fundada em 1942, vinha progredindo lentamente através desses vinte anos de trabalho evangélico entre duas ou três famílias. Sem desfalecimento, a árdua tarefa de conduzir pecadores para Cristo foi, pelas primeiras famílias presbiterianas aqui radicadas ou convertidas, levantada com êxito sob a orientação de dignos obreiros que trabalharam na seara do Mestre nestas plagas sulinas, onde o negror do carvão e a escuridão das entranhas da terra, não empanaram o brilho do trabalho divino, nem apagaram a luz bendita do evangelho de Cristo Jesus. **Com a chegada do Rev. Richard Smith, a pequena congregação tomou novo impulso. Na sua atividade incessante, contando com o auxílio cotidiano de sua esposa Dna. Beatriz Smith, mais forte se ascendeu a chamada de amor divino nos corações dos crentes desta maravilhosa, hospitaleira e rica cidade de Criciúma,**<sup>16</sup> atraindo outros crentes dispersos, e unidos num só pensamento de amar e louvar a Deus sobre todas as coisas na condição de remidos pelo sangue do cordeiro que tira o pecado, foi àquela pequena Congregação de outrora transformada em Igreja plena, aos 24 de março do corrente ano, e organizada por designação do Presbitério de Florianópolis, que outorgou poderes ao Rev. Higino B. dos Santos a ao Presbítero Dimas Pereira. Constituída e organizada em Igreja, foram eleitos e empossados para os mais altos cargos de presbíteros: Abílio Câmara, Adalberto Bráglia, Atílio Bristot e Abércio V. Silva; e para Diáconos: os Srs. Severino R. Silva, Carlos W. Bristot e Aderbal Maier que tiveram sua ordenação no dia seguinte – 25 de março, em culto solene, abrilhantado por inúmeros visitantes e pela grata presença dos missionários Rvdos. Robert E. Lodwick e Bill Êlton o leigo Carlos Harken, da Missão Presbiteriana Brasil Central. **O “Ide por todo mundo pregar o Evangelho” encontrou eco no coração dessa gente boa da Capital do Carvão, e, agora as portas da Igreja Presbiteriana estão abertas**

---

<sup>16</sup> Negrito meu.

para 'O VINDE A MIM TODOS VÓS QUE ESTAIS CANSADOS E OPRIMIDOS E EU VOS ALIVIAREI'.<sup>17</sup>

É notório afirmar que Richard Smith veio para Criciúma como pastor. Ou seja, fazer a manutenção da Igreja Presbiteriana de acordo como um pastor deve se portar em tal instituição, mas também efetivar um trabalho de evangelização a partir de ideais sociais pregados pela Teologia do Evangelho Social. Sua saída da cidade é referendada através de correspondência.<sup>18</sup> Assim, Richard Smith em 1963 deixa a cidade de Criciúma, para trabalhar em outro ambiente que sofria transformações pela Industrialização: a cidade de São Paulo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O calvinismo chegado em Criciúma, caracteriza-se inicialmente como um movimento migratório. Além disso, entende-se que não pouco houve uma Reforma dentro do Catolicismo Romano em Criciúma na década de 40, o que impossibilitaria um estudo do Calvinismo usando diretamente os referenciais weberianos.<sup>19</sup>

Em segundo lugar, também é pertinente a busca de uma análise mais expressiva para um entendimento maior da relação desses calvinistas e a sociedade cricumense. Relação que, diga-se de passagem, não foi apenas religiosa, mas econômica e social.

Esse calvinismo serviu de amparo há uma Teologia e prática protestante oriunda dos EUA, com um olhar extremamente social ao mundo do operário mineiro, de caráter

<sup>17</sup> A IGREJA PRESBITERIANA DE CRICIÚMA, por Alberto F. de Alfeu. *Tribuna Criciumense*. Criciúma, 8 abr. 1962, p. 2 e 3. Anexo.

<sup>18</sup> CORRESPONDÊNCIA. Postal enviado por Richard C. Smith ao Presbitério de Florianópolis, em 7 jan. 1963, citada.

<sup>19</sup> WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. p. 75.

proselitista, mas com um discurso de salvação para o aqui e agora, uma salvação social. Isso se manifestou em Criciúma no início da década de sessenta com a passagem do Rev. Richard Charles Smith. Sua passagem registra a organização da comunidade presbiteriana de Criciúma em Igreja, nos moldes da IPB (Igreja Presbiteriana do Brasil).

O que convém vislumbrar, é como esse discurso chegava nas pessoas, sobretudo no operário mineiro e suas famílias. Como a Teologia de Evangelho Social vindo a Criciúma, definia o mineiro, sua realidade? Como foi a experiência desse missionário em *Mogantown*, Criciúma, São Paulo, e por outros lugares que por ventura tenha passado? Qual a relação desse evento com outros como, o movimento dos Padres operários pelo mundo, a teologia da libertação, e o próprio trabalho de Rauschenbush em Nova Iorque, e etc.? Quais características tal teologia carrega? Tudo isso, faz parte de nosso objeto de pesquisa com vistas ao doutoramento. Por isso, trata-se de um trabalho em construção.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. *Religião e Repressão*. São Paulo: Loyola, 2005.

\_\_\_\_ (org.). *De dentro do Furacão: Richard Shaull e os primórdios da Teologia da Libertação*. São Paulo: Ed. Sagarana; CEDI (Centro Ecumênico de Documentação e Informação); CLAI; Progr. Ec. De Pós-Drad. Em Ciências da Religião, 1985. (Coleção Protestantismo e Libertação).

BASTIAN, Jean-Pierre. *Protestantismos y Modernidad Latinoamericana*. México, D.F., Fondo de Cultura Econômica, 1994. 352p.

BOUSFIELD, André Augusto (orientando); CAROLA, Carlos Renato (orientador). Estrutura de mineração e modernidade In: *Memória e Cultura do Carvão em Santa Catarina*. PIC V(Projeto de iniciação científica V), UNESC, jul. 2005.

DREHER, Martin N. *Coleção história da igreja: A crise e a renovação da Igreja no período da Reforma*. São Leopoldo: Sinodal, 1996.

FERREIRA, Júlio Andrade. *História da Igreja Presbiteriana do Brasil*. São Paulo, Casa editora Presbiteriana, 1992, v.2, 448p.

FILHO, Alcides Goularti (org.). *Memória e cultura do carvão em Santa Catarina*. Florianópolis: Cidade Futura, 2004.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *O Celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo, Aste, 1995, 271p.

REVISTA. *Revista Teológica do Seminário Teológico Presbiteriano de Campinas*. Apresentação. Campinas, n.<sup>os</sup> 33 e 34, 1964.

SOUZA, Silas Luiz. *O pensamento social e político da Igreja Presbiteriana do Brasil: 1916-1966*. (Mestrado em Ciências da Religião). São Bernardo do Campo, UMESP, 1998.

SMITH, Richard Charles. *Human crisis in the Kingdom of coal*. New York: Friendship Press, 1952.

VOLPATO, Terezinha. *A pirita humana: os mineiros de Criciúma*. Florianópolis: Ed. UFSC, 1984.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Tradução de Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2001.

## Documentos, periódicos e entrevistas

ALFEU, Alberto F. A Igreja Presbiteriana de Criciúma. *Tribuna Criciumense*: Criciúma, 8 abr. 1962.

BRÁGLIA, Adalberto (secretário do conselho). *Livro de Atas da Igreja Presbiteriana de Criciúma*. 3<sup>a</sup> Reunião, 01 abr. 1962.

CORRESPONDÊNCIA. *Postal enviado por Richard Charles Smith para o Presbitério de Florianópolis*. 07 jan. 1963.

SOVEREIGN, Floyd. *Livro de Atas da Congregação Presbiteriana de Criciúma (1942-1951)*. 1951.

RELATÓRIO. *Relatório da Igreja Presbiteriana de Criciúma enviado ao Presbitério de Florianópolis*. 1962.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

18

Carlos Westphal Bristot, 68 anos. Filho de Athílio Bristot e Lily Bristot, foi eleito diácono da IPB de Criciúma quando esta elegeu sua primeira junta diaconal em 1962. Entrevista concedida em 31 out. 2006.

Floyd Eugene Grady, 90 anos. Estado-unidense, pastor presbiteriano e missionário, trabalhou mais de quarenta anos no Brasil. Entrevista concedida em 07 set. 2006.